

O grupo iniciou suas atividades extensionistas em 1998, em escolas públicas e centros comunitários em vilas da Grande Cruzeiro. Vai se consolidando na perspectiva da indissociabilidade, a partir de 2008, com estudantes bolsistas em monitoria de ensino de graduação, extensão e iniciação científica (IC – FAPERGS, UFRGS/CNPq) e, a partir de 2010, formaliza-se como Grupo Trabalho e Formação Humana (GTFH) com o ingresso de mestrandas/os. Nossos aprendizados de extensão e pesquisa, articulados com o ensino, compõem o estudo sobre trabalho e direitos do infantojuvenil, e tiveram como *locus* escolas públicas, espaços socioeducativos e a Rede de Proteção da Microrregião 5 do Conselho Tutelar, onde mantemos esse vínculo e ampliamos o diálogo com as trabalhadoras da Assistência Social, da Educação e da Saúde no território Glória, Cruzeiro e Cristal. Registramos indícios de violações de direitos, como as distintas formas de exploração do trabalho de crianças e adolescentes. Articulamos os elementos recolhidos no diálogo extensionista e na pesquisa, para compor o objeto – nessas duas faces da produção acadêmica. A temática *trabalho e a formação humana* e o materialismo histórico-dialético, como método, nos articulam; temática e método com que, por sucessivas aproximações, avançamos na elaboração do conhecimento e damos a batalha pela função social da produção acadêmica que contribua como arma nas lutas da classe trabalhadora.

Na síntese de Rosa Luxemburgo uma perspectiva potente para darmos a batalha no sentido útil da produção acadêmica...

“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres!”

TRABALHO, FORMAÇÃO DE TRABALHADORAS E LUTAS SOCIAIS

no campo da garantia de direitos à criança e ao adolescente



TRABALHO, FORMAÇÃO DE TRABALHADORAS E LUTAS SOCIAIS

no campo da garantia de direitos à criança e ao adolescente

Organizadoras

Laura Souza Fonseca
Grupo Trabalho e Formação Humana



Neste segundo livro do curso de Aperfeiçoamento *Mediações necessárias entre as boas práticas e a experiência refletida nas políticas de proteção ao sujeito infantojuvenil*, edital PROEXT 2015, quando contextualizamos estrutura e conjuntura para problematizar as políticas sociais nomeadas protetivas, as autoras, mulheres na maioria, escolheram suas parcerias; a temática dos capítulos dialoga com a exposição no curso, no caso das professoras; articula uma temática do curso e a experiência de trabalho/vida na escrita das cursistas, e avança na reflexão sobre nossas vivências.

Somos sobretudo lutas, resistentes à destruição da esfera pública, do trabalho e da vida da classe trabalhadora e da juventude periférica.

TRABALHO, FORMAÇÃO DE TRABALHADORAS E LUTAS SOCIAIS

no campo da garantia de direitos à criança e ao adolescente

TRABALHO, FORMAÇÃO DE TRABALHADORAS E LUTAS SOCIAIS

no campo da garantia de direitos à criança e ao adolescente

Organizadoras :

GRUPO TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA

LAURA SOUZA FONSECA

ADRIANA GOMES ZIMMERMANN

ALLAN RAFAEL GOIS

AMANDA CORREA RICARDO DA SILVA

DOUGLAS MORANO LOPES

ELIANA RIBEIRO DE FREITAS

JANAINA BARBOSA DA SILVA

ITALO ARIEL PEREIRA GUERREIRO

MARIANA SCHLEDER RHEINHEIMER



Apoio:





UFRGS Gráfica
Porto Alegre - 2018

Editora da Universidade
Rua Ramiro Barcelos, 2500 | Porto Alegre, RS, Brasil | CEP 90035-003
Fone/fax +55 (51) 3308-5645 | admeditora@ufrgs.br
© Direitos reservados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Desenvolvido por

Organização: Grupo Trabalho e Formação Humana
Capa: Mateus Ballardin
Contracapa: Grupo Trabalho e Formação Humana
Orelhas: Grupo Trabalho e Formação Humana
Diagramação: Mariana Schleder Rheinheimer
Revisão: Mariana Schleder Rheinheimer
Editoração: Mariana Schleder Rheinheimer

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

T758

Trabalho, formação de trabalhadoras e lutas sociais no campo da garantia de direitos à criança e ao adolescente / Grupo Trabalho e Formação Humana. Laura Souza Fonseca... [et al.] (organizadores). – Porto Alegre : Grupo Trabalho e Formação Humana: UFRGS, 2018.

266 p.

ISBN: 978-85-9489-140-2

1. Sociologia do trabalho 2. Movimentos sociais 3. Ensino não-formal 4. Economia solidária 5. Educação de Jovens e Adultos 6. Criança 7. Adolescente I. Título II. Fonseca, Laura Souza

CDU: 316.334.2

Bibliotecária: Evelin Cotta CRB-10/1563

PROJETO DE PESQUISA CARTOGRÁFICA, GERINGONÇA NA ESCOLA (DAS ILHAS AO CAMPO), NA CIÊNCIA ITINERANTE, CRIANCEIRA E INCLUSIVA

Daniele Noal Gai
Aline Brito Miranda
Victória Jantsch Kroth
Andressa Giroto Camilotti



"Não há necessidade de sair da sala. É suficiente sentar-se à mesa e escutar. Nem sequer é necessário escutar, é só esperar. Nem sequer é preciso esperar, é só aprender a ficar em silêncio. O mundo se oferecerá a você livremente para ser descoberto" (Kafka). Projeto Geringonça! Projeto Geringonça [Pedagogias da diferença. Ecologias da vida.

Sustentabilidade]¹! Pesquisa cartográfica, filiada às filosofias nômades da diferença, e se apresenta com intercessores das artes artesanais e das filosofias do riso livre, para mostrar a contemporaneidade da educação na perspectiva inclusiva desde a escola básica à universidade, desde a universidade à comunidade. Assim dizia a legenda de uma das fotocartografias escolhidas pelos *Geringas* para estampar o Facebook do Projeto. Essa fotocartografia traz uma de nossas memórias de riso forte, de alegria que provoca pensamento, de cartaz confeccionado com nossas sobras de tinta e nossas sobras de energia, e, sempre, nossas criatividade em composição. Cartaz que estampou a parede da frente da Faculdade de Educação/UFRGS num dia de Portas Abertas, um evento que recebe a comunidade, sobretudo estudantes do ensino médio em vias de iniciar seu processo vestibular. Nos perguntávamos antes do evento para quem as portas estavam abertas, quando estão abertas, quais os entraves para desemperrar essa porta: da universidade elitista, branca, masculina, e, ao mesmo tempo, a universidade em que podemos figurar com um Projeto inclusivo e aberto, para todas, todos e qualquer um indistintamente. Perguntávamos sobre se as portas estavam abertas em um semestre em que o cenário político era (vamos torcer por futuros à esquerda) de mordanças, de exclusão, de aversão ao lúdico, ainda mais, de preconceito vociferado frente ao novo, ao jovem, aquela e aquele e aqueles assumidamente diferindo.

APRESENTAÇÃO DA NOSSA MAQUININHA DE IR, VIR, PARAR, PERMANECER, PENSAR COM A UNIVERSIDADE E A COMUNIDADE

“Aristóteles definiu a virtude como o hábito de agir bem” (Bergson, 2015)

“Seguiremos uma personagem, que por enquanto vamos apelidar de discordante” (Latour, 2011).

“Geringonça na Escola (das Ilhas ao Campo): ciência itinerante e inclusiva”, um projeto que pretende fazer deslocamentos no território, indo para as escolas com os estudantes de graduação e de pós-graduação para compartilhar (levar e trazer) ciência. Quer-se a criação e o compartilhamento de dispositivos pedagógicos que incentivem o conhecimento, a curiosidade, a sabedoria, a aprendizagem -- a partir das ciências. Pretende-se que o projeto

¹ Programa de Extensão Universitária vinculado a Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde o ano de 2016.

atue com a ciência de modo itinerante e inclusivo, considerando aquelas comunidades escolares: “de periferia”, “de difícil acesso”, “de fragilidades sociais”, “desterritorializados” (expressões que se quer problematizar, pois em certo modo dito, em tom pejorativo, rejeitamos, e, sobretudo, por serem marcas, tais como as marcas de tantas outras nomenclaturas despotencializadoras de vida, de aprendizagens e de partilhas).

Nesta pesquisa se prevê a promoção de oficina-aulas, de ateliers, de encontros com arte e filosofia, de eventos em ciências, de tendas abertas de ciências, de “valises” de ciências, de projeções de audiovisuais científico-inclusivos etc. As memórias e a historicização de um grande número de ações na comunidade e na escola, envolvendo a ciência de um modo itinerante e inclusivo, não podem ser analisadas apenas a partir de documentos. Com o rigor na pesquisa, optando-se por uso de todos os instrumentos de arquivamento que sejam acessíveis e abertos, para produção de arquivamento de visualidades e enunciados coletivos acerca das geringonças-ciências-itinerantes-inclusivas. Produz-se memórias e fotocartografias, produz-se e pensa-se as memórias, com o arquivamento por meios simples e de uso dos participantes do Projeto, com arquivamento por meio de gravação em celulares, em câmeras fotográficas digitais e uso de diário de campo para produção de relatorias sistemáticas.

Mas e se colocarmos a mostra esses documentos, dados, fotografias, audiovisuais -- em uma plataforma virtual? Para construir história e memória, e, sobretudo, para que a comunidade envolvida, as escolas, as professoras e os professores, as gestoras e os gestores, a comunidade que comunidade, a comunidade acadêmica, ao acessar essa plataforma, possam fazer as conexões com a contemporaneidade desde as Ilhas ao Lami (territórios ditos “de periferia” e “não (re)conhecidos” em Porto Alegre). A pesquisa cartográfica, em ciências itinerante e inclusiva, produz documentos, amostras, relatos, registra as mudanças no território, na saúde, na escolarização, nas vidas, nos encontros com os envolvidos.

E a tal pesquisa cartográfica pode ser ampliada pela via do compartilhamento virtual? Possibilitando somar impressões de outros interessados e/ou pesquisadores da mesma época, da mesma área, da mesma matriz de experiência ética²? Há na pesquisa práticas e saberes, acontecimentos, experimentações, encontros, uma pedagogia, uma ciência, sendo elaborada, isso porque os territórios, Assentamento, Hospital psiquiátrico, Aldeia, Lami e Ilhas, tem suas especificidades territoriais, as singularidades de suas comunidade e modos de existência cultural e social próprios. Constata-se, nesse cruzamento de comunidades e movimentos em

² Foucault (2011)

encontro de pesquisa itinerante e inclusiva, a necessidade do cuidado e da minúcia artesanal, questões que envolvem olhar para dentro num movimento alteritário e ético.

A ecologia social e a ecologia mental encontraram lugares de exploração privilegiados nas experiências de Psicologia Institucional. Penso evidentemente na Clínica de La Borde, onde trabalho há muito tempo, e onde tudo foi preparado para que os doentes psicóticos vivam em um clima de atividade e de responsabilidade, não apenas com o objetivo de desenvolver um ambiente de comunicação, mas também para criar instâncias locais de subjetivação coletiva. Não se trata simplesmente, portanto, de uma remodelagem da subjetividade dos pacientes, tal como preexistia à crise psicótica, mas de uma produção ‘sui generis’. Por exemplo, certos doentes psicóticos de origem agrícola, de meio pobre, serão levados a praticar artes plásticas, teatro, vídeo, música etc., quando esses eram antes universos que lhes escapavam completamente. Em contrapartida, burocratas e intelectuais se sentirão atraídos por um trabalho material, na cozinha, no jardim, em cerâmica, no clube hípico. O que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se ressingularizar. (GUATTARI, p. 17, 2012).

Pretende-se: fazer deslocamentos no território, indo para os espaços educativos (ir e estar no mundo), com os estudantes de graduação e de pós-graduação, para compartilhar (levar e trazer) “ciência itinerante e inclusiva”. Quer-se a criação e o compartilhamento de dispositivos pedagógicos (que mobilizem o conhecimento, a curiosidade, a sabedoria, a aprendizagem), a partir das ciências da natureza (ecologia, agroecologia, águas, florestas e campo).

Como criar um Plano de intervenção que popularize a ciência, mas que não crie dependências das comunidades com a universidade, ou o contrário, a fixação da universidade nas comunidades e suas potencialidades? Como criar um Plano de intervenção que possa ser construído compartilhadamente com as comunidades, respeitando e aprendendo com as mesmas? Para sequência desta pesquisa se quer criar um Plano de publicização dos dados em plataforma virtual. Apresentar a plataforma virtual para a comunidade acadêmica e a comunidade em geral. Realizar avaliações e devolutivas dos resultados, bem como a divulgação em eventos e em periódicos científicos. Considerar os vestígios preservados, para formular questionamentos e indicar as marcas pedagógicas e contribuições do Projeto Geringonça para a ciência e a educação contemporânea. Realizar-se-á uma pesquisa que faça uma radical³ e, ao mesmo tempo, inclusiva: divulgação do conhecimento científico-lúdico à sociedade. Pensa-se em uma “Geringonça”, que vá levar e buscar, que carregue, que seja uma

³ CAMUS (2014)

máquina de compartilhamento, entre outros espaços, a rua, a praça, os bancos de espera, a unidade básica de saúde, a escola, a universidade.

Quer-se aproximar jovens e crianças da experiência da fotografia, do audiovisual, da leitura, da contação de histórias, do cinema. Considera-se que dessa forma “todos e qualquer um⁴” poderão ser inseridos em um circuito formativo que concatene o acesso, a reflexão, a aprendizagem, a produção nessas linguagens e que dissemine, assim, as ciências da vida, as ecologias da vida, as ciências da natureza, as pedagogias da diferença.

Que o Geringonça, itinerante, móvel, com malas e valises, monte um território educativo capaz de abrigar tanto ações de formação de estudantes como de docente, bem como das comunidades. Geringonçar, operar com pedagogias contemporâneas para todos e qualquer um (da periferia, da ilha, do campo). Operar com a Ética do Brincar⁵, especialmente com o conceito Geringonça que, como uma maquininha, cria, utilizando-se das ciências da natureza, da ecologia, da agroecologia, das substâncias, das pedras, das águas, da terra, dos corpos, do vivo, da vida.

Desenvolver os temas ciência, partindo-se na construção dos conceitos de ecologias, ecologia da vida, agroecologia e natureza, águas e pesca, diferença e inclusão; criar a partir de ações itinerantes, com tecnologias simples, com ludicidade; buscar espaços para a ciência, a composição, o cultivo, a natureza, a ecologia. Geringonça "afirma a pedagogia como ciência da multiplicidade, da entrecomposição?" (GAI, 2015).

Quem faz o “Geringonça” quer conhecer, fazer, produzir, moldar, modelar, brincar. Nem sempre quer utilidade, progresso, benefício, ser universal. Busca-se, desse modo, um processo de conhecer em licenciatura que se associe à experiência, um processo de aquisição do conhecimento associado à experiência, em que saberfazer articule-se ao saber narrativo, ao “saber de experiência⁶” feito na escola.

Sabe-se que a produção e a transmissão do conhecimento se associavam às experiências das pessoas, assim acontecia com o artesão, que configurava o homem experiente, aquele que conhecia todo o processo de produção material e, por via da transmissão do seu saber, narrava e construía a sua cultura. Os restos de madeiras. Os cascos de tartarugas. As lãs de ovelhas. As rochas. As pedras preciosas. As pedras de rio. As escamas de peixes. As peles de bichos. O urucum. A folha de bananeira. A palha de milho. O grão de

⁴ GAI (2014, 2015)

⁵ GAI (2018)

⁶ BENJAMIN (2013a; 2013)

arroz. O fósforo. Os tijolos. Os restos de construções prediais. As latinhas de cerveja. Os materiais orgânicos. As sobras. As cascas. As experiências com baixo custo.

A economia do uso⁷. Pedagogia Geringonça. Pedagogia da sucata. Pedagogia da gambiarra. Pedagogia do que tem dentro do cantinho de guardados. Pedagogia do que podemos inventar juntos. Pedagogia do exercício das mãos, do corpo, do desejo. Pedagogia da horta. Pedagogia do cultivo. Pedagogia da pesca. Pedagogia do plantio. Pedagogia da alimentação saudável. Pedagogia do cultivo familiar. Pedagogia do guardião de grãos. Pedagogia feita na escola, em um currículo construído comunitariamente e compartilhadamente.

Entende-se isso como ciência? Entende-se a pedagogia da ecologia, da diferença, itinerante e inclusiva, como ciência? Todo mural de escola é uma bela geringonça. "A tarefa da filosofia é criar novos conceitos, novas pequenas máquinas. Mas como se faz para reconhecer um novo conceito? Ou uma nova pequena máquina? Segundo Deleuze, é possível reconhecê-lo por ser ele estranho e necessário. E isto ocorre somente quando o conceito responde a um verdadeiro problema? (GUATTARI, p. 51, 2014).

Os críticos desenvolveram três repertórios distintos para falar de nosso mundo: a naturalização, a socialização, a desconstrução. Digamos, de forma rápida e sendo um pouco injustos, Changeux, Bordieu, Derrida. Quando o primeiro fala de fatos naturalizados, não há mais sociedade, nem sujeito, nem forma de discurso. Quando o segundo fala de poder sociologizado, não há mais ciência, nem técnica, nem texto, nem conteúdo. Quando o terceiro fala de efeito de verdades, seria um atestado de grande ingenuidade acreditar na existência real dos neurônios do cérebro ou dos jogos de poder. Cada uma destas formas de crítica é potente em si mesma, mas não pode ser combinada com as outras. Podemos imaginar um estudo que tornasse o buraco de ozônio algo naturalizado, sociologizado e desconstruído? A natureza dos fatos seria totalmente estabelecida, as estratégias de poder previsíveis, mas apenas não se trataria de efeitos de sentido projetado a pobre ilusão de uma natureza e de um locutor? Uma tal colcha de retalhos seria grotesca. Nossa vida intelectual continua reconhecível contanto que os epistemólogos, os sociólogos e os desconstrutivistas sejam mantidos a uma distância conveniente, alimentando suas críticas com as fraquezas das outras duas abordagens. Vocês podem ampliar as ciências, desdobrar os jogos de poder, ridicularizar a crença em uma realidade, mas não misturem estes três ácidos cáusticos. Ora, de duas coisas uma: ou as redes que desdobramos realmente não existem, e os críticos fazem bem em marginalizar os estudos sobre as ciências ou separá-los em três conjuntos distintos – fatos, poder, discurso – ou então as redes são tal como as descrevemos, e atravessam a fronteira entre os grandes feudos da crítica – não são nem objetivas, nem sociais, nem efeitos de discursos, sendo ao mesmo tempo reais, e coletivas, e discursivas. (LATOURET, p. 11, 2013).

⁷ Conceito cunhado nesta pesquisa e a ser desenvolvido ao longo dos estudos e intervenções, que, porém, é prática e método utilizado pelas participantes-autoras do Projeto Geringonça e em processo de aprendizagem por parte da professora coordenadora da Geringonça.

Com fotografia, cinema, dança, circo, literatura, pretende-se construir e interferir qualitativamente nos planos de aula de professores em formação, estudantes de licenciatura que atuarão na educação básica, de modo que ampliem sua docência. Como pensar a ciência e também a diferença nas comunidades (não apenas, mas também, a inclusão da deficiência, da saúde mental, da pessoa surda com deficiência, da diferença na diferença), no espectro das culturas-artísticas, da mídia cultural acessível, nos espaços de fruição públicos ou escolares públicos.

Pretende-se, transversalmente, atingir um público de professores da rede pública de ensino da grande Porto Alegre e, sobretudo, os alunos destes professores em suas escolas. Com as intervenções do “Geringonça” pretende-se levantar ideias, fazer pensar, produzir na e com a ciência, de modo que a educação seja integral, planejada intensivamente. Isso porque no momento em o este Projeto leva sua “valise” e faz um convite “inclusivo e lúdico” parte das professoras e dos professores tem se sentido mobilizadas e mobilizados, planejando conosco, trocando sobre as suas aulas com didáticas diversificadas.

Neste ensaio narrativo mostramos percursos coletivos singulares em um Projeto que circula pela educação (e pelas saúdes), e que afirma as pedagogias da diferença e a ecologia da vida. Projeto que se inscreve nas vidas de seus participantes, e uma vez participantes, autores escreventes. Trata-se de uma pesquisa cartográfica? Trata-se de uma pesquisa ou extensão? O que afirmamos na universidade diz respeito à multiplicidade e à composição, sendo inseparável - ao nosso modo e nosso fazer -, o ensino, a extensão e a pesquisa. Façamos com singeleza esse exercício de pesquisa (ensino e extensão): geringonça, multiprofissional, entre-filosofias, com-pedagogias, na diferença diferindo.

CONCLUINDO: INDO, VINDO, PARANDO, PERMANECENDO, PENSANDO, COM A UNIVERSIDADE E A COMUNIDADE, COM AS PEDAGOGIAS DA DIFERENÇA COMO CIÊNCIA

Esta proposta de pesquisa (ensino e extensão) vem sendo desenvolvida junto com estudantes de graduação e de pós-graduação, estudantes-autodidatas que não se filiaram à universidade, estudantes que se filiaram a este Projeto por lerem de modo autodidata textos nômades que dialogam com a contemporaneidade. Este movimento de escrita apresentará detalhes de um Projeto que consideramos relevante justamente por promover aprendizagens em espaços diversos para e com pessoas com múltiplos corpos. Estar com, fazer com,

construir com, inventar com, aprender com, ensinar com, conversar com: com-viver é uma ética plausível no contemporâneo com grande saúde!

A educação não é, todavia, apenas ou basicamente uma questão de conhecimento. Ao estudarmos, com certeza obtemos conhecimento, aprendemos fatos, mas, sobretudo, estimulamos nossa inteligência; isto é, desenvolvemos e exercitamos nosso poder de pensar. Nesse sentido, em seu nível mais básico, a educação é sempre autodidatismo. Ninguém pode estudar por você, e o poder de pensar já está sempre dentro de você. Sua inteligência tem de ser cultivada. O autodidatismo, claro, não significa livrar-se de professores ou destruir escolas. Significa que esses relacionamentos e essas instituições devem ser orientadas para a criação de ambientes que conduzem ao estudo. A maior contribuição que um professor pode dar é o reconhecimento de que cada aluno tem o poder de pensar e o desejo de usar essa inteligência para estudar. O estudo é a essência do autodidatismo e, infelizmente, é bastante raro nas formas atuais de educação. O autodidatismo deve ser organizado como um exemplo - talvez o exemplo paradigmático - de acesso livre ao comum, incluindo informações, conhecimentos, ferramentas de estudo etc., livre de obstáculos financeiros e também de obstáculos provenientes do dogmatismo e da censura. (NEGRI; HARDT, 2016, p. 103).

Podemos criar novas receitas com elas, com eles, com qualquer um, indistintamente? Qual o papel de cada um para que a receita dê certo? Saúde o suporte, educação a base, arte a vida. Esse movimento, que denomina-se Geringonça, tem em sua experiência, o sentir, o coletivo, o estudo, a leitura compartilhada, as outras formas de escritas que não somente o texto, a vida. Podemos dizer que nossa experiência teórico-metodológica fermenta na experientiação? E se pensarmos com Spinoza (2007) diríamos que essa experiência é paixão alegre? Paixão que nos compõem e nos expande, produzindo, sendo potência para diferirmos e sermos o que podemos, o que se pode ser, o que se é.

Definição geral dos afetos: o afeto, que se diz pathema (paixão) do ânimo, é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, de seu corpo ou de uma parte dele, ideia pela qual, se presente, a própria mente é determinada a pensar uma coisa em vez de outra. (SPINOZA, 2007, p. 152).

Nossa atual condição existencial nos leva ao isolamento. Amplamente se divulga o entristecimento e a depressão das sociedades, desde a infância à adultez. Numa sociedade marcada historicamente pelo afastamento do corpo e dos sentimentos, se relacionar com os outros diferentes de nós é um risco. Numa sociedade onde a lógica racional, consumista capitalista e produtivista, imperam, se emocionar com o outro é loucura. E quando esse outro é diferente de mim? E quando ele tem uma deficiência? E se ele for um estudante universitário com autismo?

Passamos a nos questionar se é fundamental tal compreensão de corpo em uma formação acadêmica inicial, especificamente em Licenciatura em Pedagogia. E viemos experienciando a Ética do brincar e as Pedagogias da diferença como possibilidades para outras aprendizagens com/no corpo e em rede. “Um garoto autista traça; vocês sempre poderão se perguntar o quê e, ato contínuo, fornecer a resposta. Traçar é agir. Que a rede seja um agir é algo que mais dificilmente se admite. E, no entanto, ou ela é agir ou não é rede” (DELIGNY, 2015, p. 87).

Este ensaio manifesta o desejo de outros jovens acadêmicos, que como nós, afirmam: faz-se urgente ações que renovem nossas aprendizagens, potências e afetos perdidos - uma volta ao sentir-aprender com o corpo! É através de experiências sensíveis, encontros coletivos com seres brincante, assim como através da escuta das sensibilidades que nos compõem, que podemos buscar esse estado: de renovação. “Multiplicando as sensações e desenvolvendo a capacidade de apreciar as mínimas quantidades diferenciais entre os vários estímulos, afina-se mais e mais a sensibilidade. A beleza reside na harmonia, não nos contrastes; e a harmonia é afinidade...” (MONTESSORI, 2017, p. 113).

Ser brincante é sentir, é explorar, é tecer teias, é interagir com o outro que é diferente de mim. Ser brincante exige movimento alteritário. Ser brincante exige movimentos e encontros. Ser brincantes exige cuidado, especialmente cuidado de si. E a busca pelo nosso ser brincante nos levou ao Projeto Geringonça. Geringonçar e recuperar o que foi perdido, que aparentemente não servia, e fazer disso o nosso canal de expansão. Afinal, a Pedagogia tem se preocupado com a existência de seres brincantes?

Para tornar a educação uma instituição do comum, precisamos tentar aplicar os três princípios que nos orientaram nos exemplos da água e dos bancos: tornar comuns os recursos, desenvolver planos de autogestão e sujeitar todas as decisões a procedimentos de participação democrática. O conhecimento é um bem comum por excelência, e a educação depende do acesso ao conhecimento, às ideias e à informação. Criar planos de acesso livre a esses bens é evidentemente um pré-requisito para qualquer ideia de educação como instituição do comum. (NEGRI E HARDT, 2016, p. 102).

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIAS

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: infância berlinense**, 1900. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.

BENJAMIN, Walter. **Imagens de pensamento**: sobre haxixe e outras drogas. Tradução João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**: ensaios e conferências. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A energia espiritual**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **A evolução criadora**. São Paulo: E. Unesp, 2010.

_____. **Memória e vida**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Aulas de psicologia e de metafísica**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

CAMUS, Albert. **Esperança do mundo**. Cadernos (1935-1937). São Paulo: Editora Hedra, 2014.

DELIGNY, Fernand. **O Aracniano e outros textos**. São Paulo: N1-edições, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina. São Paulo: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Máquina Kafka**. São Paulo: n-1 edições, 2011.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2012.

GAI, Daniele Noal. **Núcleo de formação compartilhados e abertos (ou por fabulações em um currículo de licenciatura em Pedagogia)**. In: Noal-Gai, Daniele & FERRAZ, Wagner. Parafernália II – Currículo, cadê a poesia? Porto Alegre: Indepin, 2014. 14

GAI, Daniele Noal. **Ética do Brincar**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

KAFKA, Franz. **Um médico rural**. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LATOURETTE, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientista e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

_____. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2013.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MATURANA, Humberto; Varela, Francisco. **De Máquinas e Seres Vivos: autopoiese - a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

NEGRI, Antonio; Hardt, Michel. **Declaração: ISTO NÃO É UM MANIFESTO**. São Paulo: N1-edições, 2016.

ONFRAY, Michel. **Contra-história da filosofia: os libertinos barrocos**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Projeto Geringonça. **Memórias do Projeto Geringonça**. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: www.ufrgs.br/projetogeringonca. Acesso em: julho de 2018.

SILVEIRA, Nise. **Nise da Silveira - organização Luiz Carlos Mello**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

REFERÊNCIA FÍLMICA

NISE da Silveira. **Nise: O coração da loucura**. Direção: Roberto Berliner; 1h46min. Brasil, 2016.

NISE da Silveira. **Posfácio: imagens do inconsciente**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDg0zjMe4nA&t=12s>. Acesso em: julho de 2018.

NISE da Silveira. **Nise da Silveira, uma vida uma obra**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_IEGW5HITd0. Acesso em: julho de 2018.

FERNAND Deligny. **Ce gamin, là** (Fernand Deligny & Renaud Victor, 1975). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i20VWKO9Sdk&t=25s>. Acesso em: junho de 2018.